



## **Conjuntura da Construção**

**n.º 36**

**Janeiro / 2010**

### **Construção em 2009 verificou dois andamentos**

Com base na informação disponível até ao final de Dezembro de 2009, pode concluir-se que, apesar do Sector registar um decréscimo de actividade face a 2008, a evolução, ao longo do ano, foi registando andamentos diferenciados, tanto em termos globais, como por segmentos de actividade.

Em termos globais, constata-se que foi nos primeiros seis meses do ano que mais se fizeram sentir no Sector os impactos negativos da crise económica nacional, verificando-se algum atenuamento desses impactos no segundo semestre do ano. Esta afirmação consubstancia-se, sobretudo, na evolução dos indicadores qualitativos apurados no inquérito mensal à actividade realizado pela FEPICOP, em colaboração com a UE. Em termos de evolução do indicador de confiança, por exemplo, enquanto no final do primeiro trimestre registava uma evolução negativa de 15.7%, no final do ano o decréscimo apurado viria a situar-se em 7.3%, traduzindo um menor pessimismo por parte dos empresários inquiridos. Também a evolução dos indicadores relativos à carteira de encomendas, situação financeira das empresas e perspectivas de emprego, todos eles apresentaram, em 2009, dois andamentos distintos: muito negativos nos primeiros seis meses, bem menos pessimistas no período subsequente.

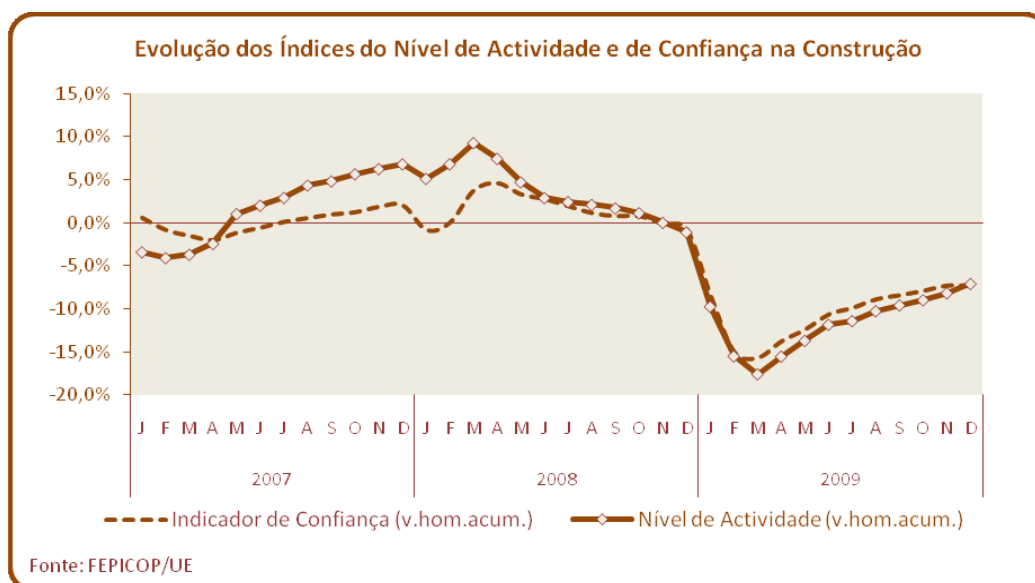
Também por segmentos de actividade é possível concluir sobre a existência de duas realidades bem distintas. A primeira, relativa à evolução mais favorável do segmento da engenharia civil e, a segunda, marcada por uma tendência muito negativa para o segmento dos edifícios particulares, residenciais e não residenciais.

Pesando o segmento dos edifícios muito mais que a engenharia civil no total da produção do Sector e sendo a actividade afecta aos edifícios bem mais intensiva em trabalho que as obras públicas, a crise sentida no primeiro fez-se, pois, sentir com forte intensidade no número de desempregados que, mensalmente, se foram inscrevendo nos Centros de Emprego como tendo saído da actividade de construção. De facto, no final de Dezembro de 2009, estariam inscritos mais de 68 mil desempregados oriundos do Sector, o que traduz um acréscimo de 67.1% em termos acumulados e em comparação com 2008.

## 1. Empresários menos pessimistas no final de 2009

No final de 2009 e considerando a evolução anual dos saldos do indicador de confiança e dos níveis de actividade, tal como se apresentam no gráfico abaixo, podemos concluir que as duas curvas atingiram picos mínimos nos primeiros meses de 2009 e que, a partir de então, as opiniões se foram revelando menos desfavoráveis, pese embora no final do ano ainda se mantivessem com evoluções negativas.

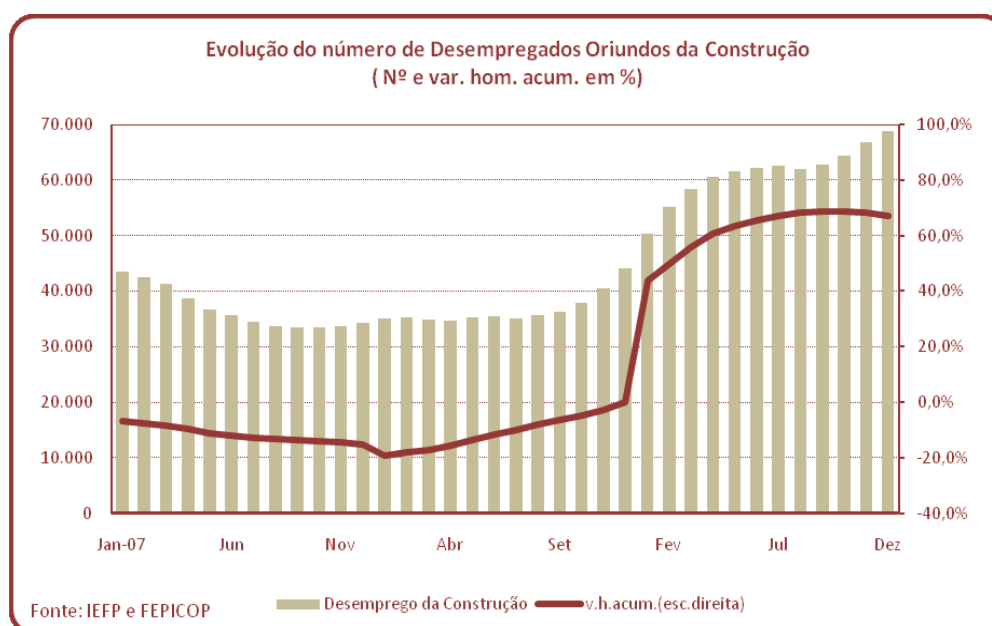
De facto, depois de se apurar um decréscimo de 15.7% no final do primeiro trimestre de 2009 para o indicador de confiança, período em que os empresários se revelaram muito pessimistas, no final do ano a variação anual ficou 7.3% abaixo de 2008. De forma semelhante, as opiniões dos empresários do Sector sobre os seus níveis de actividade terminaram o primeiro trimestre quase 20% abaixo de igual período de 2008 e, no final do ano, o índice ficou apenas 3.6% abaixo de 2008.



Podemos, por conseguinte, concluir que o sentimento dos empresários sobre a evolução da conjuntura do Sector, registou dois andamentos distintos em 2009: um primeiro andamento, com as opiniões a serem muito pessimistas e, um segundo, em que, atenuando este estado de espírito, foram demonstrando sentir que a conjuntura evoluía de forma menos desfavorável.

## 2. Desemprego na construção aumenta em 2009

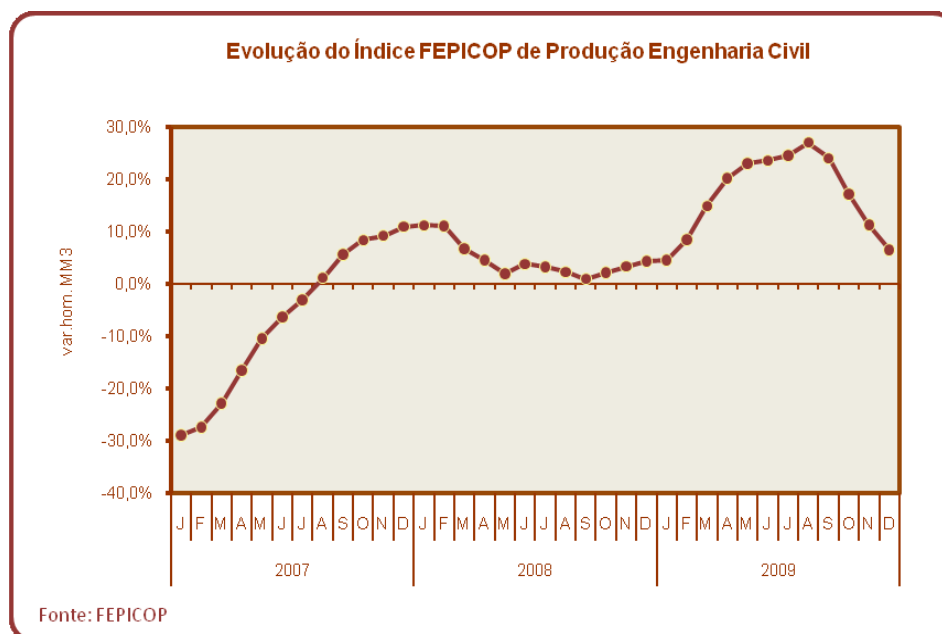
Apesar dos empresários se terem revelado gradualmente menos pessimistas ao longo de 2009 sobre a evolução da conjuntura do Sector, o certo é que os níveis de actividade reais não deram origem a uma baixa gradual do número de desempregados inscritos mensalmente nos centros de emprego como tendo saído da construção. Ao contrário, ao longo do ano, fomos assistindo a um incremento mensal de desempregados oriundos da Construção nos centros de emprego, incremento que, no final de Dezembro de 2009, daria expressão a um contingente superior a 68 mil inscritos, correspondendo a uma variação homóloga anual de 67.1%.



O aumento constante do número de desempregados que, antes, trabalhavam na construção resulta, predominantemente, da forte redução do investimento privado que se registou em 2009 em resultado da incerteza e instabilidade vivida nos mercados financeiros, redução essa que, ao ser muito mais intensa nos segmentos mais trabalho-intensivo, repercutir-se-ia de forma inevitável, tanto no aumento de desempregados saídos da construção, como no aumento do desemprego nacional.

### 3. Engenharia civil termina 2009 com níveis de produção acima de 2008

No segmento das obras de engenharia civil, também os indicadores qualitativos e quantitativos observaram andamentos distintos ao longo do ano. No que se refere aos indicadores qualitativos, constatamos que os empresários se revelaram muito pessimistas nos primeiros três meses, período em que os níveis de actividade registaram um decréscimo homólogo de quase 20%, mas que foram melhorando ao longo do ano, o qual terminou com uma variação homóloga anual de menos 3.5%. Esta alteração das opiniões empresariais sobre os seus níveis de actividade deve-se ao facto de se ter dinamizado o investimento público como forma de atenuar os impactos negativos da crise financeira internacional na economia nacional. Na realidade, o valor global dos contratos públicos celebrados (onde se inserem as obras de engenharia civil) chegou a ultrapassar, nos dois primeiros meses de 2009, o dobro do verificado nos mesmos dois meses de 2008, tendo ainda atingido uma variação positiva muito expressiva (superior a 40%) no final de sete meses terminados em Julho.

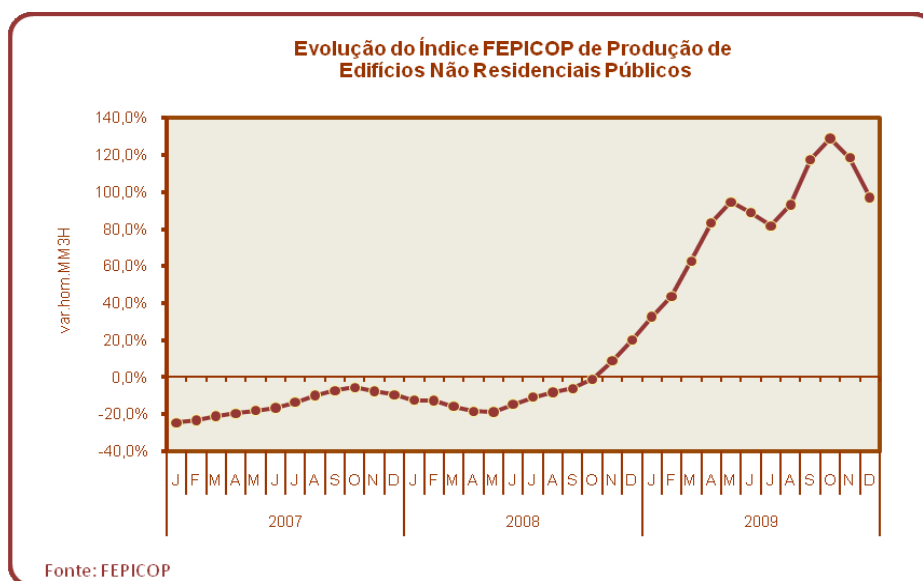


Esta reforço, no primeiro semestre do ano, do investimento público em construção, materializou-se de forma concreta em acréscimos de produção de obras de engenharia civil em 2009, devido a incrementos muito significativos das vias de comunicação e obras de urbanização. Os acréscimos registados ficaram, também, a dever-se ao facto de se terem realizado em 2009 dois actos eleitorais, legislativo e municipal, actos que, em geral, estão associados a mais despesa pública de investimento. Saliente-se que, entretanto, por se ter verificado, nos últimos meses de



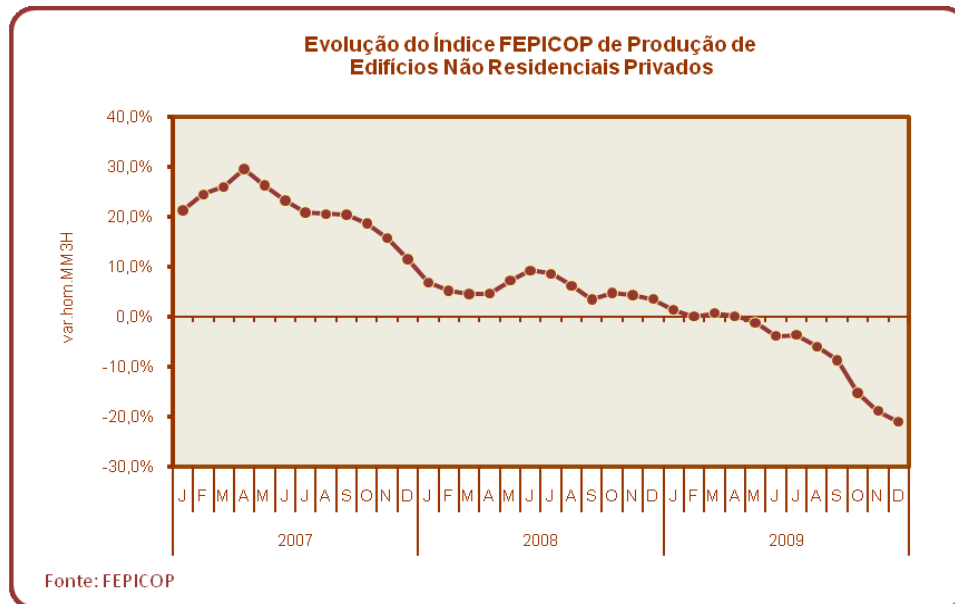
2009, uma contracção do volume de adjudicações, a par com a forte quebra de concursos que foram lançados, a curva de produção de obras de engenharia civil foi registando uma alteração sensível e passou a ter uma tendência descendente.

O dinamismo do investimento público realizado em 2009 repercutiu-se, também, em acréscimos de actividade nos edifícios não residenciais públicos, sendo as escolas o tipo de edifícios públicos que mais beneficiou do incremento das contratações públicas realizadas nos primeiros meses de 2009. Na verdade, depois de, em 2008, a actividade nos edifícios não residenciais públicos ter registado um decréscimo, no final de 2009 e com a modernização e conservação do parque escolar nacional o volume de produção cresceu consideravelmente e de uma forma nunca antes observada.



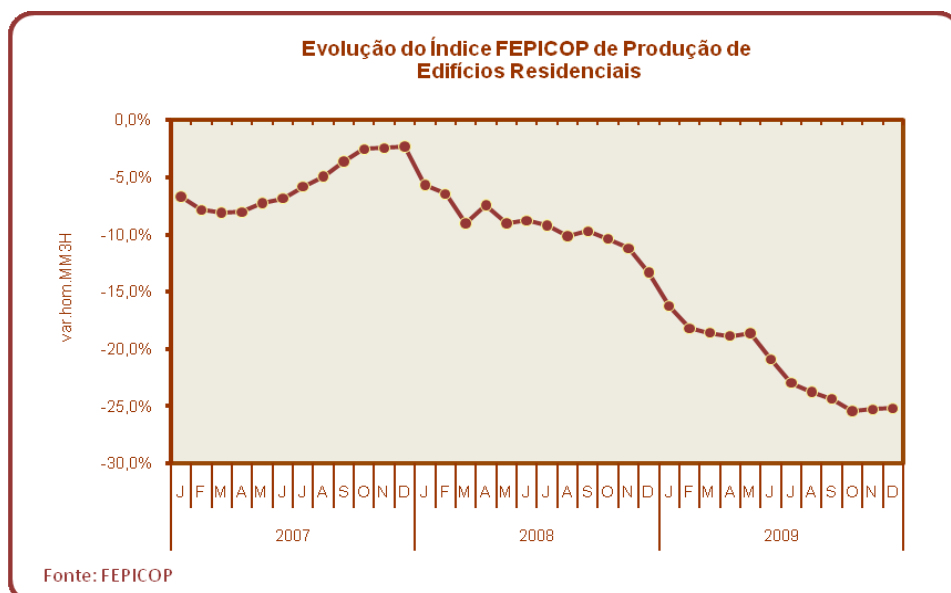
Ainda que os edifícios não residenciais públicos tenham registado um incremento de investimento muito razoável em 2009, este acréscimo, porém, não se revelou suficiente para evitar a quebra que se terá registado no segmento dos edifícios não residenciais na sua globalidade e isto porque a redução do investimento privado em edifícios não residenciais pesou mais que o investimento público neste tipo de edifícios.

De facto, se observarmos as quebras registadas nas áreas licenciadas para a construção de edifícios não residenciais, as quais, em onze meses terminados em Novembro de 2009, já se situavam 34% abaixo das apuradas em igual período de 2008, percebemos que a instabilidade e a incerteza vividas em 2009 terão sido os principais factores críticos da falta de oferta deste tipo de edifício.



Esta redução dos níveis de produção de edifícios não residenciais pode, também, ser inferida através da evolução das opiniões dos empresários inquiridos pela FEPICOP/UE sobre os seus níveis de actividade nesta área, evolução que, no final do ano, registava um decréscimo face ao ano anterior, pese embora ser esta redução bem menos acentuada que a que se verifica no segmento da habitação, tal como veremos de seguida.

De facto, as fortes quebras de licenciamento para a construção de edifícios de habitação que se registaram até ao final de Novembro de 2009, menos 40.4% na área residencial licenciada em comparação com os mesmos onze meses de 2008, traduzem, também, a escassez de procura deste tipo de edifício, sendo bem mais acentuados os factores de incerteza e instabilidade que se apontaram na actividade anterior que se repercutiram neste segmento de uma forma muito mais forte e visível.

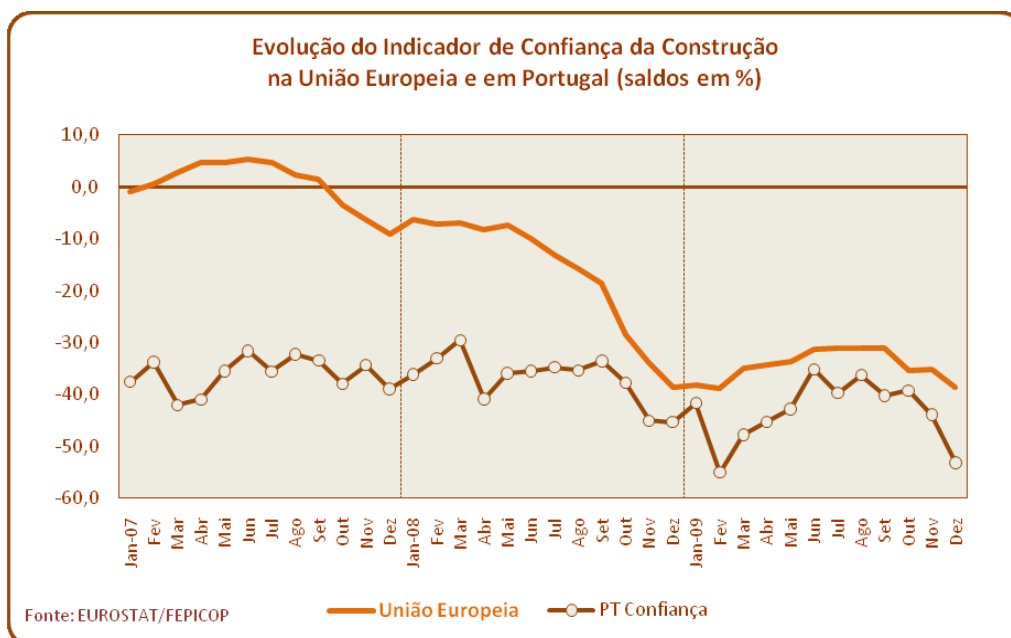


A principal consequência da gradual e crescente falta de procura dos particulares, tem-se feito sentir nos níveis de produção de habitação, níveis que, no final de 2009, terão atingido decréscimos de dois dígitos face aos apurados em 2008 e que traduzem ser a crise deste segmento de ordem estrutural e já não conjuntural, uma vez que há mais de oito anos que apresenta quebras de produção consecutivas.

Em termos globais, enquanto se mantiverem reduzidas as procuras de habitação e de edifícios não residenciais privados, será a retoma de todo um Sector de actividade que estará em causa, dado o peso maioritário destas duas actividades no total.

#### **4. Empresários portugueses da construção menos confiantes em 2009 que congéneres europeus**

No final de 2009, o saldo do indicador de confiança na construção, apurado pela CE para Portugal, ficou muito abaixo (menos 53.2%) do apurado para os 27 países da União Europeia (menos 38.6%), o que evidencia estarem os empresários portugueses do Sector mais apreensivos que os seus congéneres europeus.



Este maior pessimismo nacional fica a dever-se à falta de encomendas em carteira, mais do que às perspectivas de emprego, uma vez que o primeiro indicador, no final de 2009, se apresentou muito mais negativo que o segundo e, também, em comparação com os saldos apurados para a média dos 27 países que constituem a União Europeia.





INDICADORES DE ACOMPANHAMENTO DA ANÁLISE DA CONJUNTURA DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Indicador	Unidade	2006	2007	2008	1.º T/09	2.º T/09	3.º T/09	4.º T/09	Out.09	Nov.09	Dez.09
		var. anual			var. hom. trimestral				var. hom. acumulada		
<b>Indicadores Macroeconómicos</b>											
PIB (INE - CNT)	v. real (%)	1,4%	1,9%	0,0%	-4,0%	-3,7%	-2,5%				
FBCF - Total (INE - CNT)	v. real (%)	-0,7%	3,1%	-0,7%	-14,4%	-17,6%	-10,4%				
FBCF - Construção (INE - CNT)	v. real (%)	-5,4%	-0,2%	-5,7%	-13,2%	-13,2%	-9,4%				
VAB - Construção (INE - CNT)	v. real (%)	-3,3%	0,7%	-5,2%	-11,7%	-11,4%	-8,2%				
<b>Tecido Empresarial</b>											
Índice Empresas Activas (FEPICOP)(Jan 2000=100)	%	-3,0%	-2,5%	-5,7%	-9,5%	-10,6%	-11,7%	-11,5%	-10,7%	-10,7%	-10,8%
Indicador Confiança (FEPICOP/UE)(Jan_00 = 100)(1)	%	-0,3%	2,0%	-0,8%	-15,7%	-5,5%	-3,9%	2,4%	-7,9%	-7,3%	-7,3%
Carteira Encomendas (FEPICOP/UE)(Jan_00 = 100)(1)	%	2,6%	-3,8%	5,1%	-25,3%	-8,5%	-8,8%	-2,4%	-14,0%	-14,0%	-13,7%
Situação Financeira Empresas (FEPICOP/UE)(1)	%	-0,6%	0,9%	-6,2%	-13,8%	-15,7%	-7,8%	4,8%	-10,8%	-9,4%	-7,9%
<b>Emprego e Desemprego na Construção</b>											
Nº Trabalhadores COP (INE - IE) (2)	milhares	553,0	570,8	555,1	514,5	513,5	503,1				
Nº Desempregados da COP (IEFP)	milhares	42,9	34,3	44,1					64,4	66,8	68,8
Nº Trabalhadores COP (INE - IE) (2)	%	-0,2%	3,2%	-3,0%	-8,2%	-8,1%	-10,0%				
Nº Desempregados da COP (IEFP)	%	-4,3%	-15,1%	-0,2%	55,9%	74,8%	74,9%	63,2%	68,7%	68,3%	67,1%
Taxa Desemprego na COP (FEPICOP)	%	7,0%	5,4%	7,0%	9,6%	10,7%	11,0%				
Perspectivas de Emprego (FEPICOP/UE)(1)	%	-1,1%	3,1%	-2,2%	-9,2%	-2,6%	-1,4%	-1,0%	-4,1%	-3,4%	-3,6%
<b>Produção da COP por Segmentos de Actividade</b>											
<b>Engenharia Civil</b>											
Índice Produção Obras Eng. Civil (FEPICOP)	%	-25,5%	-4,5%	3,9%	15,0%	23,7%	24,1%	6,6%	19,4%	18,5%	17,2%
Nível Actividade Obras Eng. Civil (FEPICOP/UE)(1)	%	5,1%	5,7%	-3,1%	-19,9%	-10,8%	-6,4%	-3,6%	-5,5%	-4,4%	-3,6%
Valor Obras Públicas Promovido (FEPICOP)	%	-1,2%	-10,1%	35,4%	8,6%	-18,6%	-60,7%		-32,9%	-31,3%	-32,1%
DESVIO Valor Adj. / Base Licitação (FEPICOP)	%	-14,1%	-9,1%	-4,3%	-11,3%	-6,8%	-6,3%		-8,1%	-8,2%	-8,6%
<b>Habitação</b>											
Índice Prod. Edif. Habitação (FEPICOP)	%	-5,5%	-5,3%	-10,2%	-18,6%	-20,9%	-24,4%	-25,2%	-22,0%	-22,0%	-22,2%
Nível Actividade Edif. Habitação (FEPICOP/UE)(1)	%	0,0%	6,7%	-1,5%	-21,0%	-10,8%	-12,9%	-1,9%	-14,4%	-13,4%	-11,8%
Área Licenciada Edif. Habitação (INE-nº)	%	-6,7%	-5,9%	-25,9%	-45,2%	-42,1%	-37,5%	-25,7%	-41,8%	-40,4%	-38,9%
<b>Edifícios Não Residenciais</b>											
Índice Produção Edif. N/ Residenciais (FEPICOP)	%	-10,4%	8,9%	2,7%	15,0%	16,5%	20,2%	10,3%	16,9%	16,2%	15,5%
Nível Actividade Edif. N/ Residenciais (FEPICOP/UE)(1)	%	-11,5%	8,8%	2,8%	-11,7%	-2,7%	-3,9%	1,2%	-5,5%	-5,0%	-4,3%
Área Licenciada Edif. N/ Residenciais (INE-nº)	%	10,3%	13,4%	2,7%	-34,4%	-18,7%	-39,8%	-33,5%	-34,9%	-34,3%	-31,8%
<b>Produção Global</b>											
Nível Actividade Global (FEPICOP/UE)(1)	%	-9,6%	6,8%	-1,1%	-17,6%	-5,9%	-5,1%	1,0%	-9,0%	-8,1%	-7,1%
Consumo de Aço (sem importações) (MF)	%	-12,7%	-4,6%	-11,2%	-23,7%	-12,6%					
Consumo de Cimento (Cimpor, Secil, outros)	%	5,9%	0,9%	-6,5%	-16,9%	-16,1%	-13,5%		-16,4%	-15,2%	
<b>A Construção Europeia</b>											
FBCF Total (UE - Zona Euro)	v. real (%)	4,4%	4,8%	0,0%							
Indicador Confiança Construção (UE - 27 países)	%	7,4%	0,4%	-16,6%	-32,8%	-26,9%	-18,3%	-4,1%	-24,9%	-23,3%	-21,9%
Indicador Confiança Construção (UE - Portugal)	%	2,3%	1,6%	-1,2%	-22,7%	-5,9%	-6,4%	-4,8%	-10,9%	-9,9%	-10,2%
Carteira de Encomendas COP (UE - 27 países)	%	8,1%	-1,2%	-17,5%	-34,9%	-34,8%	-25,5%	-14,8%	-31,0%	-29,6%	-28,3%
Carteira de Encomendas COP (UE - Portugal)	%	10,6%	-8,7%	8,6%	-31,1%	-10,2%	-12,8%	-10,4%	-17,6%	-17,1%	-17,0%
Perspectivas Emprego COP (UE - 27 países)	%	6,8%	1,8%	-16,0%	-31,2%	-20,6%	-12,1%	5,7%	-19,8%	-18,0%	-16,5%
Perspectivas Emprego COP (UE - Portugal)	%	-2,1%	7,6%	-6,0%	-17,2%	-3,6%	-2,9%	-1,6%	-7,1%	-5,8%	-6,4%

Nota: Quadro construído com informação disponibilizada até 13 de JANEIRO de 2010

(1) Indicador que resulta das opiniões dos empresários expressas no Inquérito Mensal à Actividade realizado pela FEPICOP / UE

(2) A partir do 1º trimestre de 2008 os resultados do emprego da construção são divulgados segundo a CAE Ver. 3.1. As variações homólogas de 2008 resultam da comparação entre resultados de 2007 (CAE Rev. 2.1) e os de 2008 (CAE Rev. 3.1)

var. hom. trimestral = [trimestre n / trimestre n-4] var. hom. acumulada = [(índice (n) + índice (n+1) + ... + índice (n+12)) / [(índice (n-12) + índice (n-11) + ...índice (n-1))]